

# Diversão&Arte

» RICARDO DAEHN

**D**e personagens arredios, que acusam carga de desconforto social, até uma calorosa travessia emocional, capaz de atenuar vidas de solidão e um legado de constante rejeição: o enredo do mais novo filme brasileiro da Netflix, *O filho de mil homens*, traz embutido o mérito de gerar empatia. Aos 49 anos, o diretor paulistano Daniel Rezende, sempre lembrado pela indicação ao Oscar e pela vitória (em cima de filmes de Peter Jackson e Martin Scorsese) do prêmio inglês Bafta, com a montagem de *Cidade de Deus*, embarcou na adaptação literária com agudo respeito pelos “personagens que conseguem se encontrar e se apoiar apesar de seus profundos traumas”. Coproduzido, entre outros, pelo brasileiro René Sampaio, o filme, gravado entre Búzios e pontos da Chapada Diamantina, tem a presença central de Rodrigo Santoro e a narração de Zezé Motta.

A promoção de bem-estar coletivo e a reconsideração de papéis sociais, com a recriação de novos espaços para cada personagem, faz do protagonista Crisóstomo uma testemunha ativa, ao intermediar transformações. Na trama, um pescador complacente viverá com o órfão Camilo (Miguel Martins), designado seu filho; e agrupará em torno de si, Isaura (Rebeca Jamir) e Antonino (Johnny Massaro, na fase adulta, antecedido por Antonio Haddad), ambos abatidos por preconceitos.

A vida de Crisóstomo impulsiona trechos no livro como: “Disse à natureza que, por fraca compensação, arranjara um boneco para abraçar e que tentara ensinar-lhe alguma coisa sobre como deitar as redes à água. Confessou que lhe falava como se falasse a uma pessoa de verdade, como se estivesse maluco”. A publicação veio em 2011, sob autoria do angolano Valter Hugo Mãe, que adotou cotidiano português, e, tendo assistido ao filme, chorou, diante da sensibilidade da equipe com o material adaptado.

Diretor de filmes melancólicos como *Bingo*, o rei das manhãs e de adaptações solares do universo criado por Mauricio de Sousa (nos dois *Turma da Mônica* — *Laços*, de 2019, e *Lições*, de 2021), com *O filho de mil homens*, Daniel Rezende, se volta ao introspectivo, num longa-metragem que traz a fotografia de Azul Serra e belos personagens para as atrizes Juliana Caldas e Grace Passó.

## Entrevista // Daniel Rezende, cineasta



**Qual foi a temática do novo filme que mais quis impregnar no espectador?**

O que mais me tocou na leitura do livro *O filho de mil homens* foi a abordagem poética e sensível da conexão humana. Os personagens conseguem se encontrar e se apoiar apesar de seus profundos traumas e das angústias geradas por uma sociedade que os oprime com seus padrões sociais e crenças limitantes. No filme, foquei especialmente na escuta mútua e no acolhimento que levam as protagonistas a formar uma família intencional, unida pelo afeto genuíno e pela empatia.

EM CARTAZ NO STREAMING, *O FILHO DE MIL HOMENS*, ADAPTAÇÃO DO ROMANCE DE VALTER HUGO MÃE, APRESENTA RODRIGO SANTORO EM PERSONAGEM QUE PROVOCA EMPATIA



Família unida com os personagens de Jonny Massaro, Rebeca Jamir, Rodrigo Santoro e Miguel Martin

# VIVER SEM A VERGONHA DE SER feliz

**No que na literatura de Valter Hugo Mãe dialoga mais agudamente com o contemporâneo? O que você mudou para mais se aproximar dos espectadores de cinema?**

O livro toca em questões universais. Partimos de personagens que sentem a angústia do não pertencimento e a solidão, sendo conduzidos a um acolhimento verdadeiro e sensível que cura feridas e abre espaço para relações interpessoais autênticas. Apesar de atemporais, esses sentimentos se tornam urgentes em um momento de extrema solidão social, onde a conexão humana verdadeira é essencial em meio a algoritmos e artificialidades. Crisóstomo nos convida a um olhar empático, curativo e não julgador. A maior dificuldade na adaptação foi transformar a poética da palavra de Valter em uma poética imagética. Para isso, apostamos nos silêncios, nos olhares, nas interações sem

palavras, nos símbolos e nas metáforas. O olhar do Crisóstomo é curativo; ele não só cura as personagens, mas também o espectador, que terá uma sensação parecida com a da leitura, por meio de uma experiência cinematográfica completamente diferente.

**Como arriscar em situações com doses de realismo mágico, sem incorrer no grotesco?**

O realismo mágico entrou no filme como sonhos e metáforas, algumas vezes com o uso de efeitos especiais, como nas imagens do fundo do mar e o uso das borboletas. Mas também se manifestou na escolha das locações, no figurino e nos objetos. Tudo o filme existe, mas quando e onde? Não sabemos, e essa incerteza nos transporta para uma outra frequência. Nesse não lugar e não tempo, podemos olhar o outro e nos enxergar. O mágico está no filme quando

entramos nos sentimentos das personagens, nas suas projeções. E esse é o lugar onde tudo pode. Por isso, toda a nossa abordagem foi feita com muita sutileza e delicadeza.

**As tramas entrelaçadas — tecidas ao tempo irregular — foram um desafio na montagem?**

A estrutura temporal do filme foi estabelecida desde o roteiro, sendo um verdadeiro quebra-cabeça concebido pela dramaturgia, de modo que alteramos muito pouco a ordem narrativa durante a montagem. O desafio da montagem foi acreditar nos silêncios, nos olhares, nas emoções. assim, entendemos até onde podíamos esticar a narrativa, quanto tempo precisávamos para sentir e nos conectar com as dores e conquistas de cada história.

**Qual foi a estrutura ofertada pela Netflix? Foi produtora para ti, enquanto brasileiro? Temeu pela padronização quando fez negócio com uma plataforma tão globalizada?**

A Netflix demonstrou uma visão muito clara ao escolher este projeto, pois ele se alinhava perfeitamente com o tipo de narrativa que eles estavam buscando para seu catálogo. A parceria foi, de fato, a melhor possível. Entre a direção, as produtoras, Biônica Filmes e Barry Company (do brasileiro René Sampaio) e Netflix, houve uma troca constante e extremamente respeitosa com a autoralidade e a essência original do projeto. Eu só tenho a agradecer por esse apoio, pois em nenhum momento perdemos a integridade e o sonho inicial de todos que acreditaram neste filme.

**Qual a cobrança da popularidade dos resultados com algoritmos? Te assustou?**

Esse é um projeto ousado em todos os sentidos. Ele me tirou completamente da zona de conforto em que eu estava com os trabalhos anteriores, especialmente porque foi a primeira vez que escrevi um roteiro. Desde o início, pensamos no filme, na adaptação dessa história e na forma como as emoções das personagens e o ritmo dos silêncios conduziram a narrativa. Em tempos de algoritmos, é sempre importante ter filmes que desafiam os caminhos já estabelecidos e que se permitam ousar. Acredito que esse público existe, e ele costuma reconhecer e agradecer a coragem de quem se dedica a projetos assim. Mais uma vez, valorizo muito a iniciativa da Netflix ao apostar neste filme.

**Filmar sexo trouxe que desafios?**

As cenas de teor sexual, mesmo as mais duras e difíceis, foram tratadas no filme com a máxima sutileza e cuidado. No entanto, meu foco principal estava na sequência entre Crisóstomo e Isaura. Nossa intenção ali era criar um momento de profunda conexão e presença entre duas pessoas que nunca foram tocadas com genuíno carinho. Trabalhamos os detalhes: o olhar, a respiração, o toque sutil, o cheiro, o consentimento e, acima de tudo, a presença. Acredito que poucas cenas de intimidade na história do cinema atingem esse grau de delicadeza emocional. Para alcançarmos isso, fizemos uma preparação intensa com uma preparadora corporal e uma coordenadora de intimidade. E a entrega de Rodrigo Santoro e Rebeca Jamir foi absolutamente total. Sua generosidade e vulnerabilidade em cena foram a chave para materializar esse encontro com tamanha profundidade e verdade.

**A parceria com o Rodrigo Santoro tem vindo, com certa regularidade. Como vê o rendimento dele?**

Rodrigo é um patrimônio cultural do nosso país. Tive a sorte de trabalhar com um ator tão inteligente, exigente, provocador, sensível e talentoso. Nossa primeira parceria, no *Turma da Mônica: Laços*, onde ele deu vida ao Louco, gerou uma troca tão gigante que desejávamos repetir.

**Que nível de sensibilidade foi depurado, em *O filho de mil homens*?**

Dar vida a Crisóstomo foi, definitivamente, um desafio imenso: um personagem difícil, que poderia facilmente cair no caricato ou no pueril dentro da fábula. A busca principal, feita em parceria e com a total dedicação de Rodrigo, foi humanizar o personagem e deixá-lo de carne e osso. Trabalhamos em estágios: iniciamos com a discussão racional e a construção de seu histórico. Depois, mergulhamos no trabalho corporal para definir seus movimentos e gestos, e então desconstruímos o modo como ele falava. Por último, fizemos uma imersão sensorial e emocional intensa, usando técnicas, como respiração, sutileza e meditação ativa. Rodrigo gosta de desaparecer nos papéis; assim, todo o trabalho do figurino de Manuela Mello, da caracterização de Martín Trujillo, da arte de Taísa Malouf e da fotografia de Azul Serra foi essencial para trazer nosso pescador fabuloso à vida, junto à sutileza da interpretação de Rodrigo e seu olhar curativo. Vejo que todo o elenco do filme está maravilhoso: Rodrigo brilha e seu trabalho se complementa através de toda essa família que se entregou a esse projeto com afeto e carinho.